

# SABERES E CONCEITOS SOBRE A INCLUSÃO DIGITAL

TCF5010

02/2006

Janete Aparecida Pereira Melo<sup>1</sup>  
<sup>1</sup>PUCRS Virtual/ Uniube, pereira.janete@gmail.com

Pesquisa e Avaliação

Educação continuada em geral

Relatório de pesquisa)

***A utilização de tecnologias pela sociedade, principalmente o computador, faz com que as pessoas busquem pelo desenvolvimento de habilidades para viver nesta sociedade da informação. Esta pesquisa versa sobre os conceitos e saberes sobre a Inclusão Digital com a investigação sobre a compreensão de professores, que atuam em cursos de licenciatura, sobre o tema.***

***Palavras-chave: Inclusão Digital. Tecnologias de Informação e Comunicação. Sociedade da Informação***

A utilização da informática em todos os segmentos sociais é uma realidade que não pode ser ignorada uma vez que, conforme argumenta Delors [5] "As sociedades atuais são todas, pouco ou muito, sociedades da informação, nas quais o desenvolvimento das tecnologias pode criar um ambiente cultural e educativo suscetível de diversificar as fontes do conhecimento e do saber".

Diante deste cenário, as pessoas são impelidas a buscar pelo aprimoramento e desenvolvimento de novas competências e habilidades dentre elas a de utilizar os recursos da informática e da comunicação, como os computadores e a Internet. Sendo que, para o mercado de trabalho, a habilidade de usar essas máquinas é uma condição *sine quo non* para obtenção de um emprego.

Conforme nos apresenta Belloni [3] as características fundamentais da sociedade do conhecimento que mais têm impacto sobre a educação são: maior complexidade, mais tecnologia, compreensão das relações de espaço e tempo, trabalho mais responsabilizado, mais precário, com maior mobilidade, exigindo um trabalhador multicompetente, multiquificado, capaz de gerir situações de grupo, de se adaptar a situações novas, sempre prontas a

aprender. Resumindo, um trabalhador mais informado e mais autônomo. Assim,

São três os analfabetismos por derrotar hoje: o da lecto-escritura (saber ler e escrever), o sociocultural (saber em tipo de sociedade se vive) e o tecnológico (saber interagir com máquinas complexas). (p. 32) [1]

Com esse enfoque comecei a trilhar o meu caminho em busca do verdadeiro significado da "inclusão digital".

Vivemos um contexto de mudanças em que a sociedade revê vários de seus conceitos e suas concepções. A sociedade busca sua afirmação em outros valores, elenca como um dos saberes essenciais as capacidades de utilizar os recursos tecnológicos. O cidadão atual tem que possuir saberes que o habilitem a, por exemplo, extrair um saldo bancário de um terminal, operar um videocassete, manipular computadores e, principalmente, decidir sobre seu futuro.

Percebemos que a sociedade atual vêm dando destaque à questão da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC's), sobretudo o computador, e com isso vemos a multiplicação de ações, programas e cursos em prol da chamada "inclusão digital". O próprio Governo Federal desenvolveu, de 1999 a 2001, o Programa Sociedade da Informação [takahashi], algumas ações neste sentido. Há, também, propostas de Universidades como as ações do Laboratório de Inclusão Digital e Educação Comunitária, da Universidade de São Paulo. Também encontramos ações dessa natureza promovidas pelos Estados, como o ACESSA São Paulo. Além de organizações não governamentais, como o Comitê para Democratização da Informática - CDI, que atua desde 1995, em prol da promoção da inclusão social de populações menos favorecidas, utilizando as tecnologias da informação e comunicação como um instrumento para a construção e o exercício da cidadania.

Entretanto, qual é o conceito denotado pela expressão "inclusão digital"? E quais são as competências e habilidades de um indivíduo "incluído digitalmente"?

Em seu livro História da Sociedade da Informação, Mattelart[11], nos apresenta os alicerces da construção da sociedade da informação. Desde o culto do número com "a idéia de uma sociedade regida pela informação está, por assim dizer, inscrita no código genético do projeto de sociedade inspirado pela mística do número" (p. 11). Passando pela gestão da era industrial e científica, com a idéia de Paul Otlet e Henri La Fontaine sobre a constituição do projeto "Livro universal do saber contabilizando dia a dia o trabalho intelectual dos dois mundos" e a prefigurações da sociedade das redes, sendo que Otlet antecipa "a idéia de rede das redes" (p.50).

Esse projeto muito se assemelha ao que vemos acontecer hoje com a Internet, ou seja,

...um Repertório bibliográfico universal, um Repertório iconográfico universal, um catálogo central das bibliotecas, Arquivos documentais internacionais, e estabelece uma Biblioteca internacional e um Museu internacional dos métodos de documentação. (p. 48)

Só que com a Internet ao invés de termos um único repositório, interligamos todos os disponíveis em uma grande rede.

No transcorrer dessa história percebemos a preocupação ora com as implicações sociais ora com a técnica na sociedade da informação. E essa alternância, muitas vezes, deveu-se a questões econômicas.

Com a intensificação do uso dos computadores em diversos segmentos da sociedade, a partir dos anos 70 e 80, e a interface adquirida com a Internet, nos anos 90, ele tornou-se um agente transformador social, imprimindo mudanças econômicas, culturais e educacionais.

Assim, por meio da Internet, percebemos que “a interdependência obriga a pensar o mundo como uma unidade interconectada”[11] (p. 102).

Dessa forma, vêm se consolidando a idéia de que o saber é poder. Essas alterações de valores promovem uma ressignificação dos saberes, dos modos de aprender, da leitura, da escrita e do conviver.

E suas implicações nos modos de aprender torna-se irreversível. Se a educação estava alicerçada sobre um paradigma da transmissão de saberes prontos, hoje o paradigma emergente torna professor e aluno colaboradores na construção do conhecimento. Agentes responsáveis pela construção do conhecimento e de organizações aprendentes, conforme nos diz Santos e Radike [15]

O aluno deixa de ser o receptor de informações para tornar-se o responsável pela construção de seu conhecimento, usando o computador para buscar, selecionar, inter-relacionar informações significativas na exploração, reflexão, representação e depuração de suas próprias idéias, segundo seu estilo de pensamento. Professores(as) e aluno(as) desenvolvem ações em parceria, por meio da cooperação e da interação com o contexto, com o meio e com a cultura circundante. (p. 328)

O aprender com outro, com os meios e com as tecnologias torna-se essencial. Não basta deter essas informações é necessário ser capaz de refletir e analisá-las de forma crítica transformando-as em conhecimento, em prol de melhoria no seu cotidiano e de sua comunidade. A construção do conhecimento nesta sociedade da informação

...não é fragmentado mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecemos mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando-os da forma mais rica possível.[12] (p. 18)

E por meio da função mediadora “...ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas de conhecimento[2] (p. 7)

Além dessa interconexão essas tecnologias nos proporcionam a possibilidade de acesso de informações hipertextuais e multimídicas. Sendo essa nova organização da construção do conhecimento mais livre e capaz de demonstrar as diferentes trajetórias do indivíduo, de acordo com a subjetividade.

E agora, diante da hipertextualidade vemos a reconstrução dessa idéia e, também, dessa forma de ler o mundo. A interligação do texto, nos faz religar as idéias, tecer um novo texto, composto de tantos outros para criação e argumentação das idéias. Essa nova forma de escrita faz com que a noção de

texto fechado se dilua. E com ela a figura definida do autor, do emissor e do receptor. São todos eles integrantes dessa obra coletiva do conhecimento.

Assim como a escrita, a leitura também se modifica. Se antes o peso das palavras dispostas em linhas em um retângulo de papel, ordenava as idéias de forma linear e sólida. Hoje, lemos as palavras, os sons, as imagens, as cores e as formas. O início do texto pra mim, será o meio e, talvez, o final para o outro. Ou até mesmo, o início me bastará. As pessoas agora além de ler e escrever precisam saber compreender, também, as imagens.

Aliada a essas questões, conforme ainda nos fala Moran[12] (p. 20). "quanto mais mergulhamos na sociedade da informação, mais rápidas são as demandas por respostas instantâneas. As pessoas, principalmente as crianças e os jovens, não apreciam a demora, querem resultados imediatos". E essa urgência em conhecer, de certa forma, tem feito com que nos restrinjamos à superficialidade de termos e assuntos. Contentamo-nos com notas curtas, breves e diretas como é a linguagem adotada pelos meios de comunicação, como televisores e a própria Internet.

Assim nos acostumamos com termos amplamente divulgados pela mídia e não paramos para pensar no seu verdadeiro significado, como é o caso da Inclusão Digital.

Iniciando um diálogo com autores que pesquisam e pensam a Inclusão Digital, visitamos seus conceitos e suas concepções a cerca do tema. Esses autores nos mostram a pluralidade de visões a respeito e nos instigaram à reflexão.

No primeiro passo dessa jornada busquei entender um pouco sobre o que é a inclusão, e conheci Sassaki [14] que nos fala que

A sociedade, em todas as culturas, atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou praticando a **exclusão social** de pessoas que – por causa das condições atípicas – não lhe pareciam pertencer à maioria da população. Em seguida, desenvolveu o **atendimento segregado** dentro de instituições, passou para a prática da **integração social** e recentemente adotou a filosofia da inclusão **social** para modificar os sistemas sociais gerais.

Sendo alicerçada sob os princípios: celebração das diferenças, direito de pertencer, valorização da diversidade humana, solidariedade humanitária, igual importância das minorias e cidadania com qualidade de vida. E que os praticantes da inclusão baseiam-se no modelo social em que a sociedade deve se mobilizar e se modificar para atender a diversidade da sua população.

Enquanto, reportando-me ao Dicionário de Tecnologia de Educação a Distância [7] encontramos a seguinte definição de digital

Digital Qualquer dispositivo ou sistema que opera na base de lógica digital, ou seja, o sistema binário de estados do sistema (ligado ou desligado; 1 ou 0). Na EAD, o impacto da "revolução digital" de armazenamento e transmissão de toda forma de informação por sistemas digitais ainda não foi sentida em sua plenitude. No futuro, várias novas alternativas de EAD deverão aparecer como resultado dessa revolução.

Ao combinar as duas palavras "inclusão" e "digital" encontramos a vertente de alguns autores que defendem, como Valente [13] (p. 19); De Luca [6]; Cruz [4] e outros apresentados por Pellanda [13], uma proposta de inclusão que vai além da instrumentalização em informática.

Para De Luca [6] (p. 9) “a inclusão digital deve favorecer a apropriação da tecnologia de forma consciente, que torne o indivíduo capaz de decidir quando, como e para que utilizá-la”. Diz, também, que

Doar computadores, periféricos e recursos financeiros, prover a conectividade e encorajar o voluntariado interno são apenas algumas formas de promover a inclusão digital como ação de responsabilidade social. Incentivar a produção e a troca de conhecimento nas comunidades localizadas na área de entorno da empresa; fornecer dicas profissionais, compartilhar experiências, elaborar projetos em conjunto; incentivar e influenciar a busca de auto-sustentabilidade das comunidades; incentivar o empreendedorismo e fornecer apoio tecnológico também são, hoje, valiosas ações corporativas que contribuem para a prática de responsabilidade social, favorecendo a inclusão digital e, conseqüentemente, a social. (p.10)

E Cruz [4], na mesma obra, acrescenta que

Para ser incluído digitalmente, não basta ter acesso a micros conectados à Internet. Também é preciso estar preparado para usar estas máquinas, não somente com capacitação em informática, mas com uma preparação educacional que permita usufruir de seus recursos de maneira plena. p. 13

Pellanda [13], em seu capítulo *O sentido profundo da solidariedade*, nos apresenta a importância, deixando de lado as práticas assistencialistas, que

...a relação ser humano/tecnologias digitais pode servir de dispositivo cognitivo ontológico para que os seres humanos possam se pensar como sujeitos de seu próprio processo de viver e, então, possam se considerar como um nó nessa grande rede humana construindo seus próprios instrumentos de inclusão. (p.36)

Defendendo que a transformação da sociedade é possível desde que o profundo sentimento de solidariedade permeie as estratégias adotadas por ela. E que “...cada ser humano precisa estar autoconectado, para conhecer o todo que existe dentro de si, incluindo aí os outros seres humanos” (p.38-39). Essa grande rede social em que a humanidade vem se tornando, transforma em agressão o fato de uma pessoa não participar dela. E ela, finalmente, nos diz que

É preciso pensar em estratégias de inclusão digital não estreitamente ligadas a adestramentos e acesso a serviços, mas estratégias ampliadas de inclusão social mediante uma cultura digital com o conhecimento e a consciência. (p. 43)

E, conforme Franciosi e Medeiros [9] dizem

...o “motor” da rede é a motivação e o compromisso para alcançar metas de grupo; o “treinamento” é dirigido ao desenvolvimento de competências mais amplas; a base de compensação é a realização; o relacionamento interpessoal é baseado na cooperação (nosso desafio); o requisito para funcionamento é a existência de lideranças emergentes e altamente solidária nas suas trocas contínuas. (p. 75)

Nilce da Silva [16] defende a utilização do conceito de “digitalismo a-funcional” uma vez que considera a utilização dos binômios alfabetização digital/analfabetismo digital e inclusão digital/exclusão digital insuficientes e limitados para designar as relações entre o homem e o mundo digital.

Esse conceito é desenvolvido, conforme apresentado por Silva [16], a partir dos estudos de Jean Biarnés, em que

...afirma que todos possuem uma relação com o universo escrito e nós, acrescentamos, com o universo digital.

O autor constrói o conceito de 'letrismo a funcional' porque para ele, ninguém está totalmente fora da letra ou dentro da letra. Neste sentido, faz-se mister buscar as funcionalidades que existem na relação entre os seres humanos e o universo das letras.

Nós, quase que parafrazeando, falamos em 'digitalismo a-funcional' que implica em funcionalidades externas que implicam em comunicação com os outros e funcionalidades internas, na economia psíquica do sujeito...

Ela nos diz, ainda, que esse conceito não separa os que sabem dos que não sabem e que permite uma maior exploração da relação do homem com a o mundo digital. Inferindo

...que o uso do computador e das ferramentas que ele nos disponibiliza também permite o nosso encontro com o 'outro', ou seja, encontramos uma alteridade e, mais do que isto, a possibilidade de construir um 'meu outro' em mim mesmo.

O que é partilhado com Pellanda, Schlünzen, Junior e Frezza [13] quando dizem entender

...inclusão como algo que vai além de inserir um ser com sentimentos em um local, ou que basta conseguir usar a tecnologia para ser considerado incluído digitalmente. Para nós, esse conceito vai muito além. Usamos as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para possibilitar que cada ser possa descobrir a sua auto-imagem, levando-o a acreditar em si próprio e mostrando para outros do que é capaz. (p. 22)

A origem desses questionamentos deu-se com a experiência de oferta de um curso de informática básica, denominado *Conhecendo o Computador: informática básica*. Este curso teve como alunos jovens e adultos, entre 18 e 45 anos, que procuravam aprender como utilizar o computador. Com essa experiência pude observar que mais que instrumentalizar era necessário trabalhar, com conceitos como globalização, hipertexto, hipermídia, mídias, linguagens de programação entre outras.

A partir dessa experiência, fui buscar o que e como era desenvolvida a inclusão digital. E nessa busca várias perguntas foram sendo feitas e delas surgiram os questionamentos para essa pesquisa.

Essa pesquisa teve por objetivo geral contribuir para compreensão dos conceitos adotados no desenvolvimento de projetos de inclusão digital, do Governo Federal, e qual a compreensão dos professores do curso de formação de educadores da cidade de Uberaba/MG sobre o tema. O grupo de professores atua em cursos superiores de formação de professores para Educação Básica, ou seja, formam os profissionais que estarão nas salas de aula do país em breve.

Na busca pelas respostas das indagações do trabalho, realizamos incursões aos sítios do Governo Federal e, posteriormente, aos do Ministério da Educação, da Ciência e Tecnologia e das Comunicações.

Ao buscarmos conhecer as ações do governo encontramos que, neste ano, após a expiração do prazo para aprovação da Medida Provisória, intitulada MP do Bem, o Governo Federal a publicado do Decreto nº. 5.542, de 02 de setembro de 2005, o Governo Federal instituiu, no âmbito do Programa

de Inclusão Digital, o Projeto Cidadão Conectado - Computador para Todos. Esse projeto tem por objetivo conforme descrito no seu art. 1º

...promover a inclusão digital mediante a aquisição em condições facilitadas de soluções de informática constituídas de computadores, programas de computador (software) neles instalados e de suporte e assistência técnica necessários ao seu funcionamento, observadas as definições, especificações e características técnicas mínimas estabelecidas em ato do Ministro de Estado da Ciência e Tecnologia.

Dessa forma o Governo pretende tornar mais acessível à aquisição de computadores à população de menor renda. E, também, que

II - a Agência Nacional de Telecomunicações - ANATEL deverá desenvolver instrumentos, projetos e ações que possibilitem a oferta de planos de serviços de telecomunicações, observando as diretrizes e metas estabelecidas pelo Ministério das Comunicações e o regime de tratamento isonômico como instrumento para redução das desigualdades sociais." (NR)

Conforme determina o Decreto nº. 5.581, de 10 de novembro de 2005.

No sítio do projeto Computador para Todos está explicitada a preocupação em tornar possível que o maior número de pessoas possível tenham a oportunidade de aquisição de equipamentos e serviços. Entretanto não há menção sobre investimento em formação das pessoas.

Essas ações indicam uma tendência de que o Governo preocupa-se em disseminar a implantação dos telecentros, do Programa GESAC, e , coordenadamente, tornar possível que pessoas de menor poder aquisitivo possam adquirir equipamentos para suas residências. No intuito de realmente democratizar o acesso às tecnologias. E, também, que concorda que "o Plano de Inclusão Digital e Alfabetização tecnológica aprofunda a visão da educação entendida como prática social transformadora da sociedade".

A preocupação com a importância e os modos de utilização das tecnologias pela educação é amplamente discutido quer seja pelas ações do Ministério da Educação, por meio de suas secretarias e programas, quer seja por pesquisadores que se dedicam a esse estudo. Entretanto os investimentos sobre a inclusão digital são recentes e tiveram seu início consolidado com o Programa Sociedade da Informação.

Para a segunda parte do trabalho foram selecionados dez professores para realização de pesquisa. Optamos pelos professores por acreditarmos que eles exercem forte influência na sociedade, assim como pensamos ser por meio da Educação que podemos transformá-la.

Para coleta de dados foi realizada uma entrevista estruturada que pretendeu identificar com quais elementos o professor relaciona a inclusão digital, como se considera e considera seus alunos. Durante essas entrevistas procurou-se observar elementos do discurso e da postura dos participantes.

A construção do roteiro foi baseado no trabalho da Professora Nilce da Silva [16] no qual apresenta habilidades a serem trabalhadas quanto à alfabetização digital. Neste roteiro foi solicitado aos entrevistados que: lembrassem de palavras que estão diretamente associadas à inclusão digital; se conheçam alguma iniciativa na cidade de Uberaba/MG; que identificasse, dentre uma lista de opções, quais as habilidades que consideravam que eles e seus alunos tivessem desenvolvido; uma definição de inclusão digital; que indicassem outras habilidades, que não as citadas no roteiro, para uma pessoa

incluída digitalmente; e, finalmente, se se consideravam incluídas neste mundo digital.

Ao realizarmos a análise dos dados percebemos que esses professores utilizam diariamente o computador para o lançamento de notas, preparação de material para suas aulas, recebimento e envio de mensagens e documentos. O computador é entendido como essencial para o trabalho docente. Entretanto sua utilização ainda não é bem explorada e, conforme nos apresenta Santos e Radike [15] (p. 337), "muitos(as) professores(as) sabiam utilizar certos *softwares*; no entanto, não conseguiam empregá-los em sua prática de sala de aula". Utilizam o computador e a Internet para a sala de aula e não na sala de aula.

Os professores disseram utilizar a Internet para buscar informações e o e-mail. O que, de certa forma, justifica a lembrança de computador e Internet como palavras mais lembradas. Essa utilização de recursos para busca, recebimento e/ou envio pode indicar que os professores ainda mantêm uma concepção de transmissor de conhecimento perante às tecnologias. O que, conforme defendido por Santos e Radike [15], Moran [12], Assmann [2] e Lévy [10], não representa a concepção desenvolvida na sociedade da informação. Ou então, buscam por atualizações.

Quando os professores responderam sobre essas as habilidades desenvolvidas por seus alunos apontaram, também, que todos utilizam a Internet para buscar informações e o e-mail.

É interessante observar que ao contrário dos professores os alunos, na percepção dos próprios professores, já utilizam, com a mesma frequência, a Internet como biblioteca, participam de *orkuts* e escrevem textos em processadores. Esses dados podem indicar um disposição maior para a interação e o trabalho conjunto na construção do conhecimento, como nos diz Moran [12].

Percebemos em todas as definições a preocupação social com a inclusão, além da possibilidade de aquisição de equipamentos, sendo essa preocupação partilhada com Pellanda [13], De Luca [6], Cruz [4] e Da Silva [16]. Mesmo os professores que disseram ser incluídos digitalmente, não possuem uma clareza sobre o assunto e, também, familiaridade com os termos tecnológicos. Vários perguntaram o que significavam e, posteriormente, diziam que se era isso eles sabiam utilizar. Essa mesma confusão de significados pode ser percebida nas definições apresentadas para inclusão digital. Principalmente, entre computador, ambiente digital, ou mesmo quando utilizam termos genéricos como tecnologias e recursos.

Foi possível perceber, também, que as palavras associadas a inclusão digital mais lembradas, computador e Internet, coincidem com as representações que a mídia e os programas do Governo que divulgam da expressão.

Os professores consideraram que seus alunos não desenvolveram habilidades que estão ligadas diretamente com a utilização da tecnologia para promoção de mudanças sociais, como a de utilizá-la na organização da vida diária em diversos níveis. Entretanto, afirmaram que utilizam *orkut* e editores de textos com a mesma frequência, o que nesse prisma caberia uma investigação inversa, ou seja, dos alunos em relação aos professores para que pudéssemos analisar as duas visões.

Há no discurso dos professores a preocupação social com a utilização das tecnologias, entretanto, vários dos entrevistados disseram não conhecer do que se tratava a inclusão digital.

Esse estudo não tem por objetivo consolidar o estigma que o professor possui de ser responsável pelas mazelas da educação mas tende a indicar a necessidade de formação, desses mesmo professores, para compreender as implicações dessa forma de inclusão. Principalmente, pelo fato de que os projetos político-pedagógicos dos cursos em que trabalham preocupam-se com o desenvolvimento pleno do ser humano. E, entendemos que

A formação não pode ser dissociada da atuação, nem se limitar à dimensão pedagógica ou a uma reunião de teorias e técnicas. A formação e a atuação de docentes para o uso da informática em educação são um processo que inter-relaciona o domínio dos recursos tecnológicos com a ação pedagógica e com conhecimentos teóricos necessários para refletir, compreender e transformar essa ação. [15] (p. 328)

Retomando o conceito de “Inclusão Digital” percebemos que sua definição se modifica de acordo com a subjetividade, a história de vida e o conhecimento do assunto de cada pessoa. Respeitar o próximo e reconhecê-los com seres de igual valor, independente de alguma limitação física, intelectual, econômica ou social, torna-se uma tônica e uma exigência da sociedade. Tanto quanto o mundo digital. Uma vez que os chamados “excluídos” na verdade não são diferentes, e sim que somos todos diferentes. E no reino dessas diferenças o que deve ter valor é a diversidade.

Dizer que é preciso ações de inclusão é, de certa forma, afirmar que há distinções. Há melhores e piores. Enquanto o urgente é a fraternidade. Como defende Maturana, a marca humana é essencialmente a fraternidade.

Entretanto é preciso cuidado para que a inclusão digital não seja banalizada ou tratada de forma superficial pois muito se comenta mas poucos a compreendem. Mas, conforme apresentado anteriormente, que a inclusão digital seja “inventada”, como nos propõe Eizirik [8](p. 45-59), para que possamos construir, nesta sociedade do conhecimento, uma verdadeira inclusão. Uma inclusão que seja realmente capaz de levar as pessoas a utilizarem a tecnologia como um instrumento de transformação social, em busca de melhorias de suas vidas.

Para que essas transformações sejam possíveis, penso que será necessário que o Governo intensifique suas ações investindo em formação de pessoas e professores, por meio de projetos contínuos, dando foco especial na escola.

Nesse processo de formação na escola será necessário o envolvimento de alunos, professores, pais e comunidades, pois acreditamos que o uso de tecnologias se justifica quando alicerçado na democracia e na promoção do bem comum.

Conforme verificado na pesquisa realizada, percebemos que os professores, ainda, não se aprofundaram nos temas relacionados à tecnologia.

E, nesta jornada, podemos finalmente considerar que a inclusão digital seja um conjunto de ações em prol do desenvolvimento de habilidades pessoais para utilização das tecnologias de informação e de comunicação capazes de utilizar suas funções em sua vida diária. E que as habilidades que essas iniciativas precisam desenvolver são várias e se modificam de acordo com o contexto social em que se insere. Não é possível a definição de um

modelo mas sim a construção de referências que devem ser trabalhadas e implementadas, de acordo com o seu contexto e das subjetividades da população a ser beneficiada.

Desta forma este é um caminho recente e ainda temos muito para investigar e com esta análise procuramos aportar elementos que colaborem para a inclusão social e a qualidade de vida dos pessoas.

## Referências

- [1] ASSMANN, H. Reencantar a educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- [2] \_\_\_\_\_. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <[www.ibict.br/cienciadainformacao/include/getdoc.php?id=583&article=285&mode=pdf](http://www.ibict.br/cienciadainformacao/include/getdoc.php?id=583&article=285&mode=pdf)>. Acesso em: 06 dez 2005.
- [3] BELLONI, M. L. *Educação a Distância*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.
- [4] CRUZ, Renato. *O que as empresas podem fazer pela inclusão digital*. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.
- [5] DELORS, Jacques. Educação um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC; UNESCO, 1998.
- [6] DE LUCA, C. O que é Inclusão Digital ?. In: CRUZ, R. *O que as empresas podem fazer pela inclusão digital*. São Paulo: Instituto Ethos, 2004.
- [7] Dicionário de Tecnologia de Educação a Distância. Disponível em: <[http://www.escolanet.com.br/dicionario/dicionario\\_d.html](http://www.escolanet.com.br/dicionario/dicionario_d.html)>. Acesso em: 09dez2005.
- [8] EIZIRIK, M. F. É preciso inventar a inclusão. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.. T.; SCHLÜNZEN, K. S. J. (orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-60.
- [9] FRANCIOSI, Beatriz, R. T. e MEDEIROS, Marilú F. ambientes de aprendizagem: uma unidade aberta. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.. T.; SCHLÜNZEN, K. S. J. (orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 45-60.
- [10] LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- [11] MATTELART, Armand. *História da sociedade da informação*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- [12] MORAN, Juan. M. Ensino aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemática. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 3. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2003. P. 11-65.
- [13] PELLANDA, Nize. M. C.; SCHLÜNZEN, Elisa. T.; SCHLÜNZEN, Klaus. S. J. (orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- [14] SASSAKI, Romeu Kazumi. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1999.
- [15] SANTOS, B. S. dos; RADIKE, M. L. Inclusão digital: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDA, N. M. C.; SCHLÜNZEN, E.. T.; SCHLÜNZEN, K. S. J. (orgs.). *Inclusão digital: tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 327-343.

[15]DA SILVA, Nilce. Espaço de criação: uma possibilidade de inclusão digital. *Revista e Curriculum*, São Paulo, v. 1, n. 1, dez.-jul. 2005-2006. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/ecurriculum>>, acesso em: 23nov2005.

[16]TAKAHASHI, Tadao. (org.). *Sociedade da Informação no Brasil: livro verde*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.